

# Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense

por

CARLOS TEIXEIRA

II

## LUCERNAS

Entre os objectos mais interessantes e curiosos da antiguidade romana figuram, em lugar de primacial relêvo, as *lucernas* ou *lychnus*, delicados e elegantes antepassados das candeias actuais.

Recebidas dos gregos, cuja influência é notória a princípio, de-pressa os romanos lhes deram caracteres próprios. A variedade com que se apresentam, não só quanto à forma, mas sobretudo quanto à ornamentação, justifica plenamente o seu estudo e o interêsse que a arqueologia lhes atribue.

Uma *lucerna*, como é sabido, é constituída essencialmente por um recipiente, em geral de forma circular ou oval — o *infundibulum* —, onde era lançado o óleo combustível, terminado por um bico — o *nasus*, *mixus* ou *rostrum* — destinado à mecha — *ellyphnium* — e tendo quási sempre do lado oposto uma asa — *ansa* ou *manubrium* —. Em certos casos há mais do que um bico, dois, três, às vezes 20 até.

Geralmente as lucernas eram feitas de bronze ou argila, mas havia-as de ouro, de chumbo, de pedra, vidro, etc.

As mechas eram feitas com fôlhas de verbasco, com linho, papiro, medula de junco ou outros materiais e como óleo combustível servia o azeite e em certas regiões óleos minerais.

Primitivamente o reservatório era aberto, mas a partir de certa data é sempre coberto e fechado, tendo apenas um orifício

para lançar o óleo, além do correspondente à mecha, e as lucernas são então feitas pela reunião de duas partes, moldadas em separado, a parte inferior e a tampa ou *discus*.

É sobre esta última que, sobretudo, existem os motivos ornamentais. Estes são variadíssimos, tirados uns dos costumes reli-

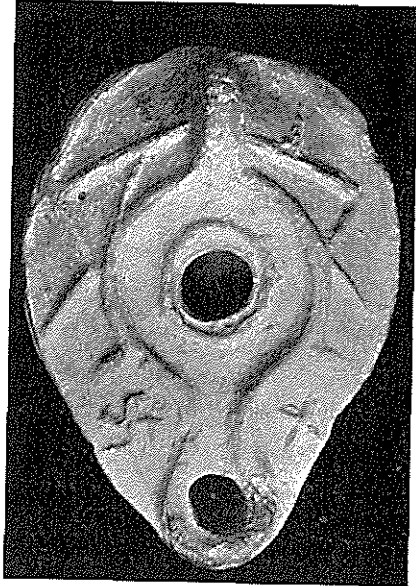


Fig. 1 —  $(\times \frac{2}{3})$

giosos, da mitologia, dos actos da vida quotidiana, representando outros assuntos históricos ou literários, motivos faunísticos, florísticos, etc.

Na base figura em geral gravada a marca ou nome do fabricante.

As lucernas tinham larga utilização. Serviam-se delas os vivos na vida privada e pública; nos templos alumiavam aos deuses e nos túmulos aos mortos, tal e qual como ainda hoje acon-

tece. Mas além disso eram ainda objectos de superstição, magia, adivinhação ou licnomância, etc. (1).

Se procurarmos bem encontraremos ainda nas crenças do nosso povo superstições análogas.

Em certos casos parece haver uma ligação indiscutível entre

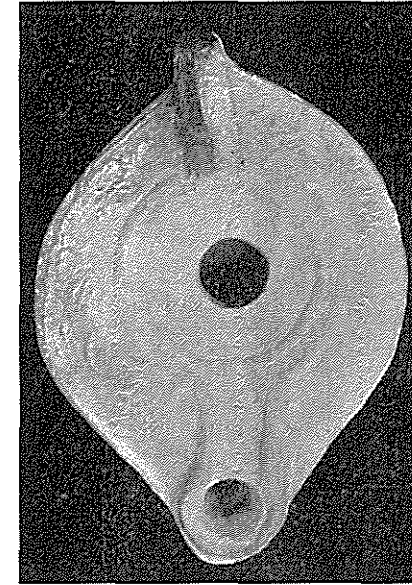


Fig. 2 —  $(\times \frac{2}{3})$

o motivo ornamental que apresentam e o uso ou lugar a que se destinavam. A classificação das lucernas e a sua divisão em tipos deve-se sobretudo a Dressel, Toutain, Fink e Walters (2), este último autor do catálogo das lucernas do British Museum.

(1) Saglio, *Dict. des Antiquités*, etc., art. «Lucerna».  
Deonna, *L'ornementation des lampes romaines*. «Rev. Archéologique», XXIV, Paris, 1927.

(2) Walters, *Catalogue of the greek and Roman Lamps in the British Museum*. Londres, 1914.

\*  
\*   \*  
\*

Segundo o Prof. Vergílio Correia são pouco vulgares os exemplares de lucernas encontrados no Norte de Portugal (1).



Fig. 3 —  $\left(x \frac{2}{3}\right)$

Na presente nota ocupar-me-ei de três destes curiosos objectos achados, durante os trabalhos do saneamento, na cidade de Braga, a milenária Bracara Augusta dos romanos, onde tantos e tam interessantíssimos monumentos arqueológicos se têm patenteado.

O local do achado é vizinho da chamada *Fonte do Ídolo*,

(1) Vergílio Correia, *Antiguidades de Armez*. O «Arch. Port.», XVIII, pág. 172.

monumento de grande valor dedicado, ao que parece, ao Deus *Tongoenabiago*, que o Prof. Leite de Vasconcelos detalhadamente estudou e que a instâncias minhas a Câmara de Braga, presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. F. Malheiro, a quem aqui quero testemunhar o meu indelével agradecimento, recentemente adquiriu, e os Monumentos Nacionais tomaram sôbre a sua protecção.

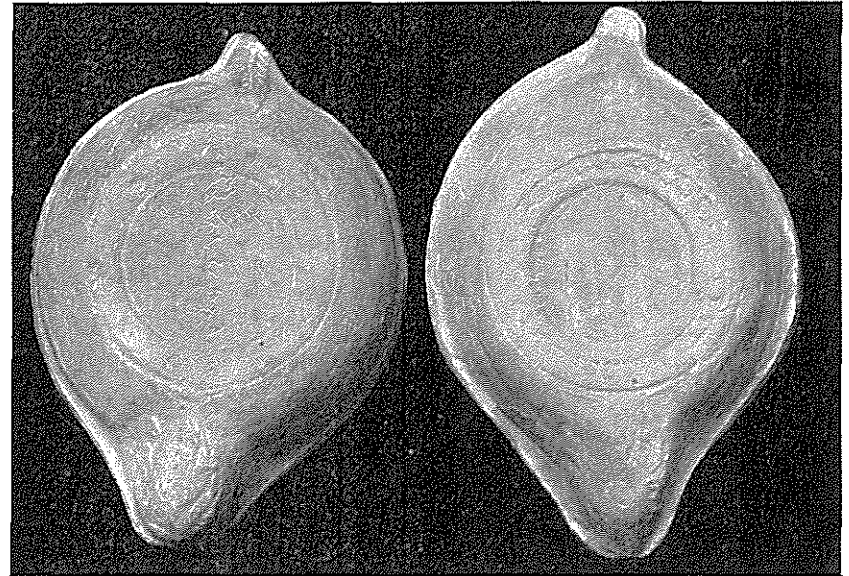


Fig. 4 —  $\left(x \frac{2}{3}\right)$

São três as lucernas encontradas agora, mas, há anos, appareceu no mesmo local uma outra cujo paradeiro só recentemente foi conhecido.

Segundo a classificação de Fink estas três lucernas devem incluir-se talvez no quarto grupo, pelo bico reduzido e pelo contorno do disco ou margo ornamentado (1), isto é, devem pertenc-

(1) Cfr. Rui de Serpa Pinto, *Museu de Martins Sarmiento*. VI. Lucernas. «Rev. de Guimarães», XXXIX-3-4, 1929; pág. 176.

cer já à época cristã. São no entanto bastante atípicas e invulgares.

Uma delas é de fabrico muito imperfeito e barro mais grosseiro que o das outras, apresentando ornatos geométricos (fig. 1). A forma é oval, tem um orifício central no disco com rebordo, cercado por um cordão saliente que parte da asa, imperfurada, e se prolonga até ao bico, contornando-o.

Dêste modo dificilmente se verteria o óleo combustível ao encher o infundíbulo.

No margo outros pequenos cordões salientes, formando linha quebrada, servem de ornato. Na parte anterior junto do bico há dois motivos cruciformes em relêvo: do lado esquerdo uma cruz vulgar de ramos iguais, do lado direito uma cruz suástica com os ramos orientados para a direita.

O bico ennegrecido prova que o objecto foi utilizado.

A segunda, também com asa imperfurada, mostra o disco liso, com um orifício central, separado do margo, ornamentado ao que parece com festões de cachos de uvas, por um cordão duplo cujo ramo externo se prolonga, identicamente ao que acontece na primeira lucerna, à volta do *nasus* (fig. 2).

A base é circular e cercada por dois cordões salientes concêntricos, tendo entre êles uma fiada de pérolas em relêvo (fig. 4).

A última é certamente a mais interessante. A forma é oval. A asa é perfurada tendo um prolongamento na parte posterior com ornamentações incisas, semelhando uma pequena fôlha.

O disco é ornamentado e perfurado lateralmente. Estão figurados ali dois indivíduos um dos quais parece estar tecendo. Uma série de traços verticais existentes na parte superior poderá, de facto, representar um tear.

Infelizmente o orifício do infundíbulo destruiu parte desta figuração de modo que a sua interpretação não é fácil (fig. 3).

Cercam o disco dois sulcos concêntricos deixando entre si uma faixa ornamentada aqui e além com pequenas depressões circulares.

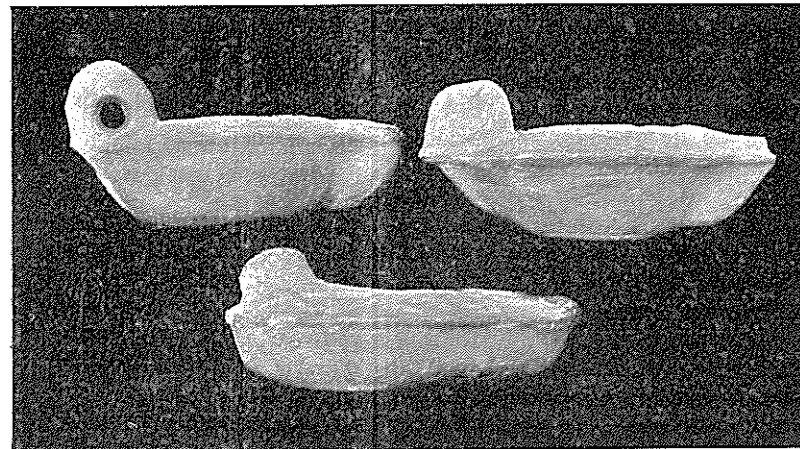


Fig. 5 - (x  $\frac{1}{2}$ )

No margo vê-se um festão de cachos de uvas.

A base mostra um ornato formado também por dois sulcos circulares concêntricos deixando entre si uma faixa com pequenas covas circulares, análogamente ao que acontece no disco.

No meio do círculo da base está gravada a marca ou nome do fabricante que parece formado por ENIC, tendo por baixo uma marca circular (fig. 4).

São, como se vê, muito interessantes os objectos descritos. Percorrendo a vasta bibliografia e inúmeros desenhos das

lucernas existentes em museus estrangeiros ou nacionais nenhuma encontrei igual (1).

Sobretudo a primeira é interessante pelos seus ornatos geométricos. Entre êles avulta a cruz gamada ou suástica, hoje distintivo dum credo político, mas cuja origem vem de remota antiguidade. É ao que parece um símbolo heliolátrico, de provável proveniência ariana, derivado por certo dos trísceles e tetrásceles, tão freqüentes nos monumentos antigos.

É um símbolo que se encontra em monumentos arqueológicos de quasi tôdas as partes do mundo, deparando-se-nos em Portugal num anel de bronze do cemitério visigótico de Cascais (2), num fragmento cerâmico do castro de Cendufe, num *pondus* de barro do Museu de Leiria, num mosaico de Amendoal (Faro), etc., etc.

Nas catacumbas romanas é freqüente este motivo ornamental, havendo uma lápide do cemitério de S. Calixto em que a suástica alterna com a cruz, tal e qual como no caso presente. Acontece o mesmo em lápides tumulares cristãs da Escócia e, em Portugal, no mosaico atrás citado do Amendoal (3).

Esta lucerna é muito provavelmente um objecto de fabrico indígena, local, ao contrário dos outros, certamente importados.

Os festões de cachos de uvas são vulgares entre os ornatos das lucernas, tendo sido já encontrados em Portugal. O saúdoso Rui de Serpa Pinto, que estudou as lucernas do Museu da S. de Martins Sarmento, cita algumas de Portalegre, Gulpelhares e

(1) Pisauri, *Lucernae Fictiles Musei Passeri*, 1739.

Walters, ob. cit.

Cagnat-Chapot, *Manuel d'Archeologie romaine*.

Etc.

(2) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. III, págs. 78 e 586.

(3) Cfr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, III, pág. 430.

Marco de Canavezes, também classificadas como pertencentes ao IV grupo de Fink, com ornatos semelhantes.

O cacho de uvas que a princípio era unicamente um atributo báquico aparece mais tarde como emblema eucarístico (1).

Não nos parece, no entanto, que haja razões para ver no aparecimento de lucernas com estes ornatos a prova da existência do culto de Baco na cidade augusta.

Faculdade de Ciências do Pôrto, Abril de 1938.

(1) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. III, pág. 586.